

## Desigualdade racial - Covid-19: um olhar interdisciplinar

Luís da Silva Cazumbá<sup>1</sup>  
Jurema Rosa Lopes<sup>2</sup>

### Resumo

Refletir sobre a desigualdade racial brasileira em tempos da pandemia COVID-19 é o nosso objetivo. A questão que nos instiga é: como podemos visualizar a relação entre a desigualdade racial no Brasil e a COVID-19? Para responder a esse questionamento, recorreremos aos estudos de Pombo (2008) no sentido de repensar como o olhar interdisciplinar, fundado em perspectiva de diferentes áreas pode contribuir para desnaturalizar a desigualdade racial. Recorreremos também aos dados do IBGE, da Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar COVID-19 (PNAD - 2020) e da Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar Contínua (PNADC-2020). Os resultados mostram que as desigualdades raciais estão explicitadas no desemprego, ou no percentual de pessoas desocupadas, também na educação e na análise por cor ou raça na diferença entre pessoas brancas e pretas ou pardas. Concluimos que devemos refletir racialmente para desinternalizar, deslegitimar e desnaturalizar os discursos naturalizados em cada um de nós, de que vivemos em uma democracia racial.

**Palavras chaves:** Racismo, Desigualdade Racial, Justiça Racial.

### Abstract

Reflecting on Brazilian racial inequality in times of the COVID-19 pandemic is our goal. The question that instigates us is: how can we visualize the relationship between racial inequality in Brazil and COVID-19? To answer this question, we resorted to studies by Pombo (2008) in order to rethink how the interdisciplinary look, based on the perspective of different areas can contribute to denaturalize racial inequality. We also used data from the IBGE, the National Household Sample Survey COVID-19 (PNAD - 2020) and the National Household Sample Continuous Survey (PNADC-2020). The results show that racial inequalities are explained in unemployment, or in the percentage of unemployed people, also in education and in the analysis by color or race in the difference between white and black or brown people. We conclude that we must reflect racially to de-internalize, delegitimize and denaturalize the naturalized discourses in each of us, that we live in a racial democracy.

**Keywords:** Racism, Racial Inequality, Racial Justice.

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Unigranrio. E-mail: [luiscazumba@gmail.com](mailto:luiscazumba@gmail.com)

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Unigranrio

## Introdução

A reflexão é uma das possibilidades para desnaturalizarmos o racismo e as desigualdades raciais no Brasil, ainda ocultadas nas análises raciais acríticas. Nosso objetivo é refletir sobre a desigualdade racial brasileira em tempos da pandemia da COVID-19. Para isto, utilizamos os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Covid-19 (2020), e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC -2020), que nos possibilita refletir sobre as desigualdades raciais, reconhecendo a centralidade racial nas análises.

A realidade racial da população brasileira pode ser melhor compreendida ao desagregarmos os dados, tais como apresentados no PNAD- COVID-19 e PNADC. Desinternalizar, deslegitimar e desnaturalizar o discurso de que vivemos em uma democracia racial, possibilita ver como a pandemia da COVID-19 afeta a população negra de forma brutal, “[...] pandemia da COVID-19 numa sociedade estruturada pelo racismo penaliza grupos vulneráveis, especialmente entre pessoas negras [...]” (SANTOS; NERY; GOES; SILVA; SANTOS; BATISTA; ARAÚJO, 2020, p. 230).

As discussões referentes ao racismo, ao genocídio da população negra, à pobreza e às desigualdades raciais, vão ser sempre discussões intensas, tensas, pois, o racismo não é palatável. Não vislumbramos como discutir esses temas de forma palatável em tempos de pandemia da COVID-19. Os dados (IBGE, 2010) analisados, referentes aos municípios de Niterói e São João de Meriti, evidenciam que há desigualdade racial nos dois Municípios do Estado do Rio de Janeiro.

Por isso, é fundamental conhecermos a população por raça/cor, para de posse dos dados, fazermos análises sobre a realidade racial brasileira, do contrário, certamente, as nossas análises explicitarão que nós, conhecemos o Brasil, mas, não conhecemos o Brasil.

O Brasil não conhece o Brasil

O Brasil nunca foi ao Brazil  
O Brazil não merece o Brasil  
O Brazil tá matando o Brasil<sup>3</sup>

Um Brasil marcado por profundas desigualdades, cujos acontecimentos dependem da ótica de quem os analisa. Muitos brasileiros refugiados em suas instituições de pesquisa ocultam em suas análises, por comodidade ou descaso, ações da trama social deslocando focos fundamentais presentes na realidade brasileira, como por exemplo, a questão da desigualdade racial no Brasil.

### **Considerações sobre a interdisciplinaridade**

Nossas considerações sobre o campo conceitual da interdisciplinaridade têm como fundamento os estudos de Pombo (2008). A autora destaca a dificuldade em conceituar interdisciplinaridade devido às várias definições. Acrescenta quatro termos com a mesma raiz, disciplina: multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

A interdisciplinaridade refere-se ao que é comum a duas ou mais disciplinas ou campos de conhecimento. Na interdisciplinaridade não há paralelismo, superposição ou justaposição. Existe uma interação entre os campos de conhecimento e se avança no sentido de uma combinação, de uma convergência, de uma complementaridade.

Acrescenta Pombo (2008) que em relação à multidisciplinaridade e a pluridisciplinaridade, do ponto de vista epistemológico, não faz sentido distinguir os termos “multi” e ‘pluri que supõe um conjunto com vários especialistas de diferentes disciplinas para explicar um determinado fenômeno. Finalmente, a transdisciplinaridade diz respeito a algo que se aproxima de um ponto de fusão, de unificação, faz desaparecer a convergência, nos permite passar a uma perspectiva holista. (POMBO, 2008, p. 13-15). As temáticas transdisciplinares ainda não se consolidaram como áreas disciplinares, isto não quer dizer que, na evolução de seu estudo, não possam vir a constituir-se como um novo campo disciplinar.

---

<sup>3</sup>Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bkENNwwCqgM>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Diante do exposto trataremos a interdisciplinaridade como: “práticas de comprometimento, aquelas que dizem respeito às questões como a origem da vida (...) saber por que umas pessoas matam outras, por que razão a fome persiste num mundo de abundância.” (POMBO, 2008, p. 28). Em função das desigualdades raciais, presente na sociedade brasileira, adotamos um olhar interdisciplinar, reconhecendo a ineficiência de resposta, por um único saber disciplinar pautado nos princípios da disjunção, redução e abstração.

### **Desigualdade racial e COVID 19: problematizando a realidade brasileira**

Pensamos ser fundamental lançar um olhar interdisciplinar sobre a realidade brasileira para refletirmos sobre a qualidade de vida da população. Diante disto, os dados da PNAD COVID-19 de maio/2020<sup>4</sup>, nos traz dados que explicitam o quantitativo da população brasileira: pessoas em idade de trabalhar, pessoas fora da força de trabalho, pessoas ocupadas e desocupadas (PNAD COVID-19, 2020b).

“[...] 210,9 milhões de pessoas”. Na população residente, 169,9 milhões tinham 14 anos ou mais de idade, ou seja, em idade de trabalhar. A população na força de trabalho era de 94,5 milhões. Entre esses, 84,4 milhões eram ocupados e 10,1 milhões desocupados. A população fora da força de trabalho ficou estimada em 75,4 milhões (PNAD COVID-19, 2020, p. 14).

---

<sup>4</sup> Para compreendermos o que é a PNAD Covid19, publicada pela primeira vez em maio, colocamos na íntegra a apresentação da PNAD Covid19 “O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE divulga, nesta publicação, os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD COVID19 para o mês de maio de 2020. Desenvolvida no âmbito do Sistema Integrado de Pesquisas Domiciliares do IBGE - SIPD é a primeira pesquisa divulgada com o selo de Estatística Experimental, recém-criado pelo Instituto. A PNAD COVID19 está sendo apresentada como Estatística Experimental, pois ainda está sob avaliação, ou seja, ainda não atingiu um grau completo de maturidade em termos de harmonização, cobertura ou metodologia. A PNAD COVID19 foi implementada em plena pandemia da COVID-19 não só para obter informações sobre os sintomas referidos da síndrome gripal, como também para ser utilizada como instrumento de avaliação e monitoramento do combate aos efeitos dessa pandemia sobre o mercado de trabalho brasileiro. Constitui uma pesquisa de amostra fixa de domicílios (“painel domiciliar”) que segue, mensalmente, as unidades amostradas em cada uma das quatro semanas do mês. A âncora dessa amostra é formada pelos domicílios entrevistados pela PNAD Contínua no primeiro trimestre de 2019; sendo assim, será possível não só avaliar o presente, mas também, futuramente, a dinâmica temporal da pandemia, isto é, o antes, o durante e o depois. Trata-se de uma primeira divulgação da pesquisa, cujo instrumento de coleta das informações é dinâmico, sujeito a alterações ao longo do período de sua aplicação, o que possibilita, ao longo da pandemia, produzir, além de informações sobre saúde, outras necessárias a elucidar os aspectos socioeconômicos e demográficos desse fenômeno. A tempestividade das divulgações semanais e de uma divulgação mensal mais detalhada, agregando as quatro semanas, servirá como um farol a iluminar as nuances da crise e as alternativas de recuperação.” Eduardo Luiz G Rios. Neto – Diretor de Pesquisas. (PNAD COVID19, 2020, p. 4).

Quando decompos a população por regiões, conforme a tabela 1, constatamos que o Sudeste é a região mais populosa, seguido pelo Nordeste, o Sul, o Norte, e o Centro Oeste. Ao desagregarmos por sexo, as mulheres são a maioria da população com 51,1% (PNAD COVID-19, 2020b).

Tabela 1 - População brasileira por Regiões em milhões

Brasil	Sudeste	Nordeste	Sul	Norte	Centro-Oeste
<b>210.869</b>	<b>88.901</b>	<b>57.190</b>	<b>30.117</b>	<b>18.311</b>	<b>16.500</b>

Fonte: IBGE, PNAD COVID-19, (2020b). Tabela feita pelo autor

Para conhecermos o perfil racial da população brasileira ao desagregarmos por Raça/Cor, de acordo com a PNADC (2020a) verificamos que a população branca é de 44,8%, a parda, 43,7% e, a preta, 10,4%. Somando a população parda (43,7%) com a preta (10,4%), temos uma população brasileira majoritariamente negra, com 54,1%, e a minoria branca com 44,8% (PNADC, 2020a). A desigualdade racial fica explícita quando analisamos a realidade concreta dos rendimentos por Raça/ Cor.

Por isso, o olhar interdisciplinar é fundamental para explicitarmos as desigualdades raciais, por nos permitir dialogar com outras disciplinas, ampliar o nosso olhar e ultrapassar um olhar simplificado ou reduzido, próprio do conhecimento disciplinar, que “[...] pela sua definição que escolhe e pelas conclusões a que chega, só pode atingir certo sentido parcial e limitado da realidade de que foi ‘destacada’ sua realidade.” (JAPIASSU, 1976, p. 66-67). Explicitamos esta desigualdade racial oculta nas análises com os dados concretos da PNADC (2020a).

O rendimento médio mensal real de todos os trabalhos das pessoas brancas (R\$ 2 999) era maior que os rendimentos observados para as pessoas pardas (R\$ 1 719) e pretas (R\$ 1 673). As pessoas de cor branca apresentaram rendimentos 29,9% superiores à média nacional (R\$ 2 308), enquanto as pardas e pretas receberam rendimentos 25,5% e 27,5%, respectivamente, inferiores a essa média em 2019 (PNAD, 2020a, p. 5).

Na educação, de acordo com a PNADC (2020b), verificamos que, em 2019 no Brasil, 11 milhões de pessoas com 15 anos ou mais de idade são analfabetas, o que representa uma taxa de 6,6%. A desigualdade racial se expressa regionalmente também na educação, quando analisamos que a média do Brasil é de 6,60%; porém, o percentual de analfabetos nas Regiões Nordeste e Norte encontram-se bem acima da média, com 13,90% e 7,60%, com uma diferença de 7,30 e 1, pontos percentuais respectivamente. Nas outras três Regiões, os percentuais estão todos abaixo da média nacional: no Centro-Oeste, o percentual é de 4,90%; no Sudeste, 3,30% e, no Sul, 3,30%, sendo a diferença de 1,60, 3,30 e 3,30, pontos percentuais respectivamente. Os dados evidenciam as desigualdades raciais concretas. “Na análise por cor ou raça, chama-se a atenção para a magnitude da diferença entre pessoas brancas e pretas ou pardas” (PNADC, 2020b, p. 2).

Em 2019, 3,6% das pessoas de 15 anos ou mais de cor branca eram analfabetas, percentual que se eleva para 8,9 entre as pessoas de cor preta ou parda (diferença de 5,3 p.p.). No grupo etário de 60 anos ou mais a taxa de analfabetismo das pessoas de cor branca alcançou 9,5% e, entre as pessoas pretas ou pardas, chegou a 27, 1%. (PNADC, 2020b, p. 2).

Esta desigualdade racial explicitada com dados das PNADC (2020a e 2020b) na renda e na educação, se expressa também na saúde da população, principalmente da população negra, isto é, na qualidade de vida da população negra, em tempos da pandemia, os dados, divulgados, dos mortos pela COVID-19 não trazem explicitamente a raça/cor dos mesmos. Também os mais diversos eventos, online, que assistimos pela Internet, sobre o impacto da COVID-19, no Brasil, principalmente nas periferias, como nas favelas, não trazem reflexões sobre a raça/cor dos infectados, como também omitem a raça/cor dos mortos pela COVID-19. Até mesmo o próprio Ministério da Saúde não desagregava por raça/cor. Somente depois que os Movimentos Negros questionaram, é que o Ministério da Saúde começou a divulgar os dados por Raça/Cor (SANTOS; NERY; GOES; SILVA; SANTOS; BATISTA; ARAÚJO, 2020).

[...] o quesito raça/cor não foi elegível para análise de situação epidemiológica da COVID-19 nos primeiros boletins epidemiológicos, ainda

que contasse nas fichas de notificação para Síndrome Gripal e para Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG), ambas utilizadas como instrumentos de registro, monitoramento e avaliação dos casos suspeitos leves e graves da COVID-19, respectivamente, na rede de atenção básica, nos centros e triagem, nas unidades de pronto-atendimento e na rede hospitalar, assim como no FormSus inicialmente elaborado para registros da COVID-19. A incorporação do quesito raça/cor como categoria de análise (BRASIL, 2020b) se deu após posicionamentos do GT Racismo e Saúde, da Coalizão Negra e da Sociedade Brasileira de médicos de Família e Comunidade (SANTOS; NERY; GOES; SILVA; SANTOS; BATISTA; ARAÚJO, 2020, p. 228).

A citação ratifica a necessidade de conhecermos a realidade da desigualdade racial na sociedade brasileira. Numa perspectiva interdisciplinar, incessantes questionamentos devem ser feitos: será que conhecemos a realidade racial brasileira? Se conhecemos, por que não a explicitamos? Refletir é uma das formas de desnaturalizarmos o discurso de que vivemos em uma democracia racial (ALMEIDA, 2019). A desagregação por Raça/Cor, como resultado das pesquisas possibilitam análises profundas da realidade racial brasileira, de forma a explicitarmos as desigualdades raciais que, geralmente, são ocultadas nas análises (SANTOS; NERY; GOES; SILVA; SANTOS; BATISTA; ARAÚJO, 2020).

[...] a informação desagregada por raça/cor propiciará a realização de pesquisas que possam aprofundar as questões sociais e raciais e econômicas no contexto da COVID-19. Logo, a inclusão da informação raça/cor nos sistemas de informação da COVID-19, seu preenchimento e disponibilização nos boletins epidemiológicos tem sido uma advocacy constante (SANTOS; NERY; GOES; SILVA; SANTOS; BATISTA; ARAÚJO, 2020, p. 229).

Refletir sobre o impacto da COVID-19 na população brasileira requer um olhar interdisciplinar, pois a complexidade da realidade racial brasileira exige um diálogo com outras disciplinas (POMBO, 2008). O Conselho Nacional do Serviço Social em 2011 explicita com dados objetivos que a pobreza tem cor, devido ao descaso da nossa sociedade, como dos nossos governantes (CNAS, 2011).

[...] a pobreza atende por diversos nomes: insuficiência de renda; acesso precário à água, energia elétrica, saúde e moradia; baixa escolaridade, insegurança alimentar e nutricional; formas precárias de inserção no mundo do trabalho, entre outros. As diversas características que traduzem as

distintas manifestações da pobreza têm expressão no território e assim se pode afirmar que a miséria tem nome, endereço, cor e sexo [...]” (CNAS, 2011, p. 5).

O CNAS (2011), com dados da realidade racial brasileira explicita que a maioria absoluta da população em extrema pobreza é negra; “de acordo com os dados do censo 2010 do IBGE, a população extremamente pobre é negra (71%) [...]” (CNAS, 2011, p. 7). Os dados da realidade objetiva nos permitem analisar para compreender a realidade racial concreta brasileira profundamente, fazendo-nos ver as desigualdades raciais na saúde. Apesar dos ocultamentos destas desigualdades raciais nas análises, estão sendo explicitadas com dados concretos. Segundo a PNAD COVID-19<sup>5</sup>, “entre as pessoas que apresentaram algum dos sintomas pesquisados de síndromes gripais, 56,7% eram mulheres, 50,6% tinham entre 30 e 59 anos, 58,2% se declararam de cor preta ou parda [...], as mulheres representaram 57,4% e as pessoas pretas ou pardas 70,0%.” (PNAD COVID- 19, 2020b, p. 29). As desigualdades raciais na saúde ficam explicitadas quando analisamos as pessoas que tiveram algum sintoma 58,2 da população negra e 40, 3% da população branca apresentaram algum sintoma. Mas, quando se trata de algum sintoma conjugado, o percentual da população negra sobe 11,8 pontos percentuais, de 58,2% passa para 70%. Na situação oposta, de pessoas com algum sintoma conjugado, há uma queda de 12 pontos percentuais, isto é, passa de 40,3%, para 28,3%, uma desigualdade racial que é

---

<sup>5</sup>Sobre os indicadores de saúde, “A PNAD COVID19, em sua parte de saúde, investiga a ocorrência de alguns dos principais sintomas associados à síndrome gripal e, conseqüentemente, à COVID19. Em maio, foram perguntados, para todos os moradores do domicílio, se na semana anterior à entrevista, algum deles apresentou: febre; tosse; dor de garganta; dificuldade de respirar; dor de cabeça; dor no peito; náusea; nariz entupido ou escorrendo; fadiga; dor nos olhos; perda de cheiro ou de sabor; e dor muscular. É importante destacar que a identificação de ter ou não apresentado o sintoma é feita pelo morador do domicílio e que não se pressupõe ter um diagnóstico médico, ou seja, os sintomas são referidos pelo morador. Em decorrência da pandemia de COVID19, muitos estudos<sup>3</sup> na área da saúde têm identificado alguns sintomas que podem estar mais associados à presença do vírus COVID19. Neste sentido, e seguindo esta literatura, foi possível conjugar os sintomas de forma a apresentar um indicador síntese de pessoas que referiram ter algum dos sintomas conjugados. Os sintomas utilizados foram: • perda de cheiro ou de sabor; ou • tosse e febre e dificuldade para respirar; ou • tosse e febre e dor no peito. Os resultados apresentados terão como foco a presença de algum dos sintomas de síndromes gripais, assim como o indicador síntese de sintomas conjugados. No mês de maio, a PNAD COVID19 estimou que 24 milhões de pessoas (ou 11,4% da população) apresentaram algum dos sintomas pesquisados de síndromes gripais. O sintoma de perda de cheiro ou de sabor foi referido por 1,8% da população, equivalente a 3,9 milhões de pessoas, já ter tido tosse, febre e dificuldade para respirar, assim como tosse, febre e dor no peito foi declarado por 0,5% da população, respectivamente 1 milhão e 991 mil pessoas. Em termos do indicador síntese, 4,2 milhões de pessoas (ou 2,0% da população) apresentaram sintomas conjugados de síndrome gripal que podiam estar associados à COVID-19 (perda de cheiro ou sabor. (“ou febre, tosse e dificuldade de respirar ou febre, tosse e dor no peito.”) (PNAD Covid-19, 2020, p. 27).

ocultada nas análises (PNAD COVID-19, 2020b). A pandemia da COVID-19 tem cor no Brasil, como nos Estados Unidos da América, “[...] o progresso da COVID-19 exhibe todas as características de uma pandemia de classe, de gênero e de raça” (HARVEY, 2020, p. 21). No Brasil a pandemia da COVID-19, explicitam o racismo e as desigualdades raciais na nossa sociedade “Os desdobramentos da pandemia da Covid-19 numa sociedade estruturada pelo racismo penaliza grupos vulneráveis, especialmente entre pessoas negras [...]” (SANTOS; NERY; GOES; SILVA; SANTOS; BATISTA; ARAÚJO, 2020). As desigualdades raciais estão explicitadas no desemprego, ou no percentual de pessoas desocupadas (PNAD COVID-19, 2020b).

No Brasil, o total de pessoas desocupadas ficou em 10,1 milhões de pessoas, resultando em uma taxa de desocupação de 10,7%. Entre as Grandes Regiões as taxas foram: Centro-Oeste (11,4%) Nordeste (11,2%), Norte (11,0%), Sudeste (10,9%) e Sul (8,9%). A taxa de desocupação entre as mulheres foi de 12,2%, maior que a dos homens (9,6%), a diferença também foi verificada em todas as Grandes Regiões. Por cor ou raça, no Brasil e em todas as Grandes Regiões a taxa foi maior entre as pessoas de cor preta ou parda [...] (PNAD COVID- 19, 2020b, p. 21-22”).

### **A COVID-19 no Estado do Rio de Janeiro: reflexão sobre o cenário de duas cidades**

Não podemos desconsiderar os espaços em que as tramas sociais são desenvolvidas, assim em nossas reflexões, destacamos o Município de Niterói e no espaço da Baixada Fluminense, o Município de São João de Meriti (SJM).

Os dados analisados os quais tivemos acesso, indicam certos sentidos e revelam o ocultamento da desigualdade racial em nossa sociedade. Acreditamos que o ocultamento dessa desigualdade se efetive, em função de muitas análises desconsiderarem a categoria Raça/Cor nas pesquisas. Também pensamos que este ocultamento seja consequência do discurso naturalizado em cada um de nós, de que vivemos em uma democracia racial, discurso ainda hoje naturalizado. “[...] ainda vigora, em amplos setores de nossa sociedade e em nosso meio acadêmico – de todos os quadrantes ideológicos -, a opinião (doxa) de que viveríamos em uma democracia racial” (PAIXÃO, 2003, p. 95).

Na tabela 2 abaixo, colocamos os casos confirmados e os mortos pela COVID-19, no Brasil e na Baixada Fluminense no Rio de Janeiro. Vale destacar que, neste contexto, optamos em acrescentar o Município de Niterói por ser o único, entre os 92, com um Índice de desenvolvimento Humano Municipal - DHM muito alto. Isto quer dizer que a população tem uma ótima qualidade de vida. Será? Ainda na tabela 2 apresentamos dados dos 13 Municípios da Baixada Fluminense, para que possamos identificar e refletir sobre a realidade vivida nos respectivos municípios. Entre os casos confirmados e óbitos há uma diferença acentuada, entre quem mora em Niterói e quem mora na Baixada Fluminense. “O Brasil não conhece o Brazil”. Observemos a tabela:

Tabela 2 - Casos de COVID-19, confirmados e de óbitos, em Niterói.  
E na Baixada Fluminense

	<b>Casos confirmados</b>		<b>Óbitos</b>
*Brasil	<b>2.442.375</b>	Brasil	<b>87.618</b>
Rio de Janeiro	<b>157.834</b>	Rio de Janeiro	<b>12.876</b>
<b>1-Niterói</b>	<b>8.693</b>	1- Duque de Caxias	<b>527</b>
2-Duque de Caxias	<b>5.564</b>	2- Nova Iguaçu	<b>417</b>
3-Nova Iguaçu	<b>4.010</b>	<b>3- São João de Meriti</b>	<b>307</b>
4-Magé	<b>2.441</b>	<b>4- Niterói</b>	<b>292</b>
5- São João de Meriti	<b>2.175</b>	5- Belford Roxo	<b>206</b>
6- Belford Roxo	<b>2.031</b>	6- Magé	<b>155</b>
7-Queimados	<b>1.957</b>	7- Mesquita	<b>125</b>
8- Itaguaí	<b>1.824</b>	8- Nilópolis	<b>107</b>
9-Guapimirim	<b>1.069</b>	9- Itaguaí	<b>86</b>
10-Mesquita	<b>938</b>	10- Guapimirim	<b>41</b>
11- Nilópolis	<b>877</b>	Queimados	<b>38</b>
12-Seropédica	<b>574</b>	Seropédica	<b>35</b>
13- Paracambi	<b>463</b>	Paracambi	<b>24</b>

14- Japeri	221	Japeri	19
------------	-----	--------	----

Fonte: Secretaria de Saúde do Estado do Rio de Janeiro, 2020. Tabela feita pelo autor.

\*Dados do Ministério da Saúde, 2020.

Na tabela 2, colocamos o Município de Niterói e todos os Municípios da Baixada Fluminense, para tentar compreender como naturalizamos as desigualdades raciais. Explicamos que Niterói, apesar de ser o primeiro nesta tabela, com os maiores números de casos confirmados, é o quarto em números de mortos pela COVID-19, enquanto Duque de Caxias, que é o segundo em casos confirmados, passa para primeiro em números de mortos pela COVID-19; Nova Iguaçu é o segundo, e São João de Meriti é o quinto em números confirmados de COVID-19, passa para o terceiro lugar. Para compreendermos por que Niterói tem um baixo número de mortos, e São João de Meriti, um alto número de mortos, tendo as duas cidades população semelhante, se faz necessário levantar o perfil da população por Raça/Cor.

Conhecer o Brasil pressupõe conhecer sua população. Nossa comparação tem como parâmetro a cidade de Niterói<sup>6</sup>, que tem uma população, segundo o (IBGE, 2010) de 487.562 habitantes, e a cidade de São João de Meriti<sup>7</sup>, que tem uma população de 460.541 habitantes. Estas duas cidades foram escolhidas devido a terem uma população semelhante numericamente, e por Niterói ser o 7º município no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM (2013)<sup>8</sup>, entre os 5.565 Municípios do Brasil<sup>9</sup>, e o 1º do Estado do Rio de Janeiro, em qualidade de vida, e não faz parte da Baixada Fluminense. São João de Meriti ocupa o 1.331º lugar entre os 5.565 Municípios do Brasil, sendo o 34º do Estado do Rio de Janeiro, em qualidade de vida, e o 1º da Baixada Fluminense em qualidade de vida, entre os 4 municípios que têm uma população acima de 400 mil habitantes, o que permite fazer a desagregação por raça/cor e analisar o IDHM. Vamos analisar as duas cidades com os dados do Censo do

<sup>6</sup> Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=330330&search=rio-de-janeiro|niteroi|infograficos:-informacoes-completas>>. Acesso em 22. jul. 2020.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=330510&search=rio-de-janeiro|sao-joao-de-meriti>>. Acesso em 22 jul. 2020.

<sup>8</sup> O IDHM, de 2013, refere-se ao Censo do IBGE de (2010).

<sup>9</sup> Hoje são 5.570 segundo o IBGE. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/pesquisas>>. Acesso em 22 jul. 2020.

IBGE (2010), para fazermos uma reflexão sobre o discurso naturalizado em cada um de nós, qual seja, de que vivemos em uma democracia racial. Questionar para desnaturalizar este discurso é fundamental para explicitarmos as desigualdades raciais (PAIXÃO, 2003). Os dados evidenciam que 64% da população de Niterói são de pessoas brancas e 36% de pessoas negras; diante disto, podemos afirmar que Niterói é uma cidade branca. Em São João de Meriti, 64% da população são de pessoas negras e 36% de pessoas brancas. Da mesma forma, afirmamos, com base nos dados, que São João de Meriti é uma cidade negra (IBGE, 2010). Na educação, São João de Meriti tem o IDHM (2013) de 0,630 para os negros e 0,694 para os brancos, sendo de 0,064 a vantagem para a população branca no mesmo território. Em Niterói, o IDHM (2013) é 0,664 para os Negros e 0,854 para os Brancos, no mesmo território, com vantagem de 0,190 para a população branca. Observamos que a desigualdade racial acontece tanto em São João de Meriti como em Niterói, mas a desigualdade racial em Niterói é quase 3 vezes maior, que em São João de Meriti.

Na desigualdade racial apontada em 2017, segundo o IBGE, “no 3º trimestre de 2017, os pardos eram maioria na população fora da força de trabalho (48,0%), seguidos pelos brancos (43,2%) e pelos pretos (7,9%)<sup>10</sup>.” Quando somamos pardos e pretos para o 3º trimestre de 2017, temos 55,9% de negros fora da força de trabalho e 43,2% de brancos. Wacquant (2001, p. 123), ao analisar o gueto norte-americano, afirma “O caráter racial da exclusão que sofre somado à estreiteza da cobertura social oferecida pelo ‘meio-estado-providencial’ norte-americano explicam por que os habitantes do gueto apresentam taxas de pobreza e graus de indigência sem equivalente no território francês” (WACQUANT, 2001, p. 123). É evidente que aqui não temos um gueto, no sentido em que Wacquant conceitua, mas temos mais semelhança com o gueto norte-americano, devido ao perfil da população que está em desvantagem na qualidade de vida. O gueto norte-americano, comparado às Banlieues francesas, tinha mais diferença que semelhança, devido à diversidade populacional. (WACQUANT, 2001, p. 122).

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/18016-estatisticas-de-emprededorismo-empresas-de-alto-crescimento-geraram-67-7-dos-postos-de-trabalho-entre-2012-e-2015.html>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

A desigualdade racial esta naturalizada na sociedade, segundo Cimar Azevedo<sup>11</sup>, Coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE, que em entrevista ao Jornal O Globo online, publicada em 17/11/2017, afirma que: “As pessoas pretas e pardas estão sempre em desvantagem no mercado de trabalho, desde a inserção e depois de se inserirem. São desigualdades que a gente conhece, mas é sempre bom lembrar [...]”. Diante do exposto, fica evidente a causa de 63,7% dos desempregados serem negros. Como podemos dizer que vivemos em uma democracia racial? A renda per capita dos moradores negros de Niterói é de R\$ 1.028,40, e dos brancos R\$ 2.552,83, IDHM (2013), uma vantagem que é mais que o dobro R\$ 1.524,43. Em São João de Meriti, a renda per capita do morador negro é R\$ 543,08 e do branco R\$ 697,07, sendo a vantagem do branco de R\$ 153,99. IDHM (2013). Estarrecedor, mas ainda é a realidade que precisamos enfrentar se quisermos contribuir para a construção de uma sociedade onde haja justiça racial e social para todas as pessoas, independente da raça/cor.

Um médico negro ganha, em média, 88% do que ganha um médico branco. No caso de uma formação de menor remuneração com grande participação de negros, como religião, ainda assim a proporção do rendimento por eles recebido é de 83% em relação ao rendimento médio dos brancos de mesma formação e profissão. (OXFAM-BRASIL, 2017, p. 64).

Em Niterói e São João de Meriti, a população branca tem uma qualidade de vida melhor que a população negra que reside nos referidos municípios. A renda do branco, em Niterói, tem uma vantagem em relação à renda do negro, a mesma forma em São João de Meriti. O morador negro de Niterói tem um IDHM maior na educação, 0,034, na renda per capita R\$ 485,32 a mais que o morador negro de São João de Meriti. Mas, tem desvantagens em relação à população branca nos dois Municípios. Conforme analisou Cimar Azevedo, Coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE, “As pessoas pretas e pardas estão sempre em desvantagem”. Isto é um fato.

---

<sup>11</sup>Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/637-dos-desempregados-no-brasil-sao-pretos-ou-pardos-aponta-ibge.ghtml>>. Acesso em 14 jul. 2020.

## Considerações Finais

A reflexão que propomos tem como escopo desnaturalizarmos o racismo e as desigualdades raciais que ainda estão ocultadas, de um modo geral, as análises levam-nos a uma compreensão equivocada da realidade racial concreta brasileira. Explicitamos, com dados da PNADC (2020) e da PNAD COVID-19 (2020), que as desigualdades raciais, são um fato. Para nós, conhecer e problematizar a realidade da desigualdade racial na sociedade brasileira é a única forma de fazermos uma análise da realidade racial.

Devemos refletir racialmente para desinternalizar, deslegitimar e desnaturalizar os discursos naturalizados em cada um de nós, de que vivemos em uma democracia racial. O registro dos acontecimentos frente à COVID-19 nos faz ver através dos dados como a pandemia afeta a população negra de forma brutal; “[...] a pandemia da COVID-19, numa sociedade estruturada pelo racismo, penaliza grupos vulneráveis, especialmente entre pessoas negras [...]” (SANTOS; NERY; GOES; SILVA; SANTOS; BATISTA; ARAÚJO, 2020, p. 230).

As discussões referentes o racismo, o genocídio da população negra, à pobreza e às desigualdades raciais, vão ser sempre discussões intensas e tensas. Não vislumbramos como discutir esses temas de forma palatável, na medida em que nos deparamos com mais uma violência contra um jovem negro cometida no Ilha Plaza Shopping, que fica na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro. Lemos a notícia publicada hoje, dia 07/08-2020 no G1, “Jovem denuncia que foi agredido e ameaçado com arma por homens em shopping na Ilha do Governador”<sup>12</sup>. Pensamos serem as reflexões raciais fundamentais para desnaturalizarmos o racismo, as desigualdades raciais e o genocídio da população negra e jovem.

## Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2019.

---

<sup>12</sup> A reportagem na íntegra encontra-se no link, que está na referência bibliográfica.

BRASIL. Ministério da Saúde. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/component/content/>> Acesso em 17 jul. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. Consolidar o SUAS e valorizar seus trabalhadores. **VIII Conferência Conselho Nacional de Assistência Social**. 2011.

Harvey, David. Política anticapitalista em tempos de COVID-19. In. \_\_\_\_\_. **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020. p. 13-23.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios PNAD COVID19**, maio de 2020b. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em 17 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios PNADC2020a**. Rendimentos de todas as fontes, 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em 06 maio. 2020.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios PNADC2020b**. Educação, 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em 16 jul. 2020.

IPEA. **Vidas perdidas e racismo no Brasil**. Brasília. 2013.

JAPIASSU, HILTON. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Imago Editora LTAD, 1976, p. 7-112.

O GLOBO. G1. **Jovem denuncia que foi agredido e ameaçado com arma por homens em shopping na Ilha do Governador**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/07/jovem-denuncia-que-foi-agredido-e-ameacado-com-arma-por-segurancas-de-shopping-na-ilha-do-governador.ghtml>>. Acesso em: 07 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. **63,7% dos desempregados no Brasil são pretos ou pardos, aponta IBGE**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/637-dos-desempregados-no-brasil-sao-pretos-ou-pardos-aponta-ibge.ghtml>>. Acesso em 18 nov. 2017.

OXFAM – BRASIL. **A Distância que nos une: um retrato das desigualdades brasileiras**. 25. set. 2017.

POMBO, Olga. Epistemologia da interdisciplinaridade. **Revista Do Centro de Educação e Letras da Unioeste**, Campus de Foz do Iguaçu, v. 10, n.1, p. 9-40, 1 semestre de 2008.

RIO DE JANEIRO. **Secretaria de Saúde**. Disponível em: <<https://www.saude.rj.gov.br/>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

SANTOS, Márcia Pereira Alves dos. NERY, Joilda silva. GOES, Emanuelle Freitas. SILVA, Alexandre da. SANTOS, Andreia Beatriz Silva dos. BATISTA, Luís Eduardo. ARAÚJO, Edna Maria de. População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. **ESTUDOS AVANÇADOS 34** (99), 2020, p. 225-243.

WACQUANT, LOÏC. **Os condenados da sociedade**. Rio de Janeiro: Revan. FASE, 2001.